



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE FILOSOFIA**

**Dario Fernandes Bezerra**

**ALÉM DO BOM E DO RUIM:  
a revolta escrava da moral, em Nietzsche**

**Campina Grande-PB  
2011**

**DARIO FERNANDES BEZERRA**

**ALÉM DO BOM E DO RUIM:  
a revolta escrava da moral, em Nietzsche**

Trabalho de Conclusão licenciatura apresentado ao Curso de Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento parcial às exigências para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

**ORIENTADOR: Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva**

**CAMPINA GRANDE/ PB  
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

B574a

Bezerra, Dario Fernandes.

Além do bom e do ruim

[manuscrito]: a revolta escrava da moral. / Dario Fernandes Bezerra. – 2011.

49 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva, Departamento de Filosofia”.

1. Transvalorização 2. Ressentimento 3. casta 4. bem e mal I. Título.

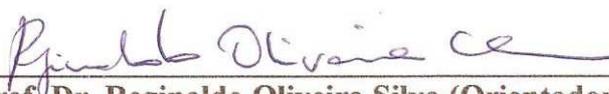
21. ed. CDD 968.2

**DARIO FERNANDES BEZERRA**

**ALÉM DO BOM E DO RUIM:  
a revolta escrava da moral, em Nietzsche**

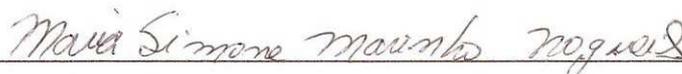
Aprovada em 04/10/11

**BANCA EXAMINADORA**



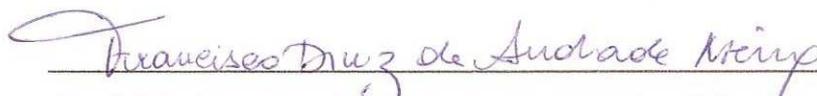
---

**Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva (Orientador) - UEPB**



---

**Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Simone Marinho Nogueira (Membro da Banca) - UEPB**



---

**Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira (Membro da Banca) - UEPB**

*Aos meus pais, Edneida e Francinaldo, por sempre  
terem me indicado o caminho para o conhecimento.  
Amo muito vocês.*

Agradeço a meus pais, Edneida Fernandes e Francinaldo Alves, pelo amor, incentivo e apoio, à minha noiva, Polliana Lins, pelo amor, paciência e carinho, aos meus sogros, Haroldo Lins e Helenice Gomes, pelo apoio e incentivo, às cunhadas, Patrícia Lins e Halessandra Lins (novinha), pela afeição que me é atribuída, à Prf<sup>a</sup>. Maria Inês Bernadino da Nóbrega, por ter me ensinado os primeiros passos rumo ao conhecimento, a meu primo e irmão, Kleber Fernandes, por ter me cedido o seu computador nesta investidura, à tia Sara Maria, por seu importantíssimo apoio, a toda a minha família pelo carinho e afeto, ao professor Reginaldo Oliveira, pela sua paciência e norteadora orientação, ao grande amigo, Flavinho, pelas fotocópias a prazo, aos amigos Bruno Malvino, Nilson Drums, Felipe Nogueira e Olívio – *in memória*, pelos contentes, musicais e ricos diálogos, a meu amigo, Pe. Bento Oliveira, pela sua valorosa amizade e a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram na elaboração deste trabalho.

## RESUMO

O tema “transvaloração da moral”, expresso na primeira dissertação da obra *Genealogia da moral*, nos remete à ideia de que, partindo da reflexão sobre a origem da “moral da compaixão”, Nietzsche acreditou ser esta proveniente do ressentimento escravo. Dividida em três, precisamente no terceiro período da sua vida e obra encontram-se as reflexões acerca da moral. Dividida em três ensaios, proveniente deste período, na obra *Genealogia da moral*, para o desenvolvimento da nossa pesquisa, recortamos o primeiro ensaio e parte do terceiro. Entretanto, recorreremos a outras obras do filósofo e de autores especialistas, tanto no pensador quanto no tema elencado. Buscando a compreensão da reflexão para “além do bom e do ruim”, percebemos em nossa pesquisa que, a partir do conhecimento filológico, Nietzsche concluiu que a noção de bem e mal foi conferida uma dupla roupagem. Se em outrora, a moral dominante elucubrara ao modo da casta da nobreza guerreira, a partir do ressentimento iniciado na casta sacerdotal, com os seus estratagemas para alcançar os corações dos escravos, passou a designar o caráter plebeu. Dessa forma, compreendemos que bem e mal passaram sob um processo de transvaloração o qual, iniciado com o ressentimento da casta sacerdotal, esquematizou-se numa inversão dos conceitos e dos valores morais dos nobres pelos dos escravos, constituindo, assim, “o triunfo dos plebeus”.

**Palavras-chave:** Transvaloração, ressentimento, casta, bem e mal.

## ABSTRACT

The theme "revaluation of morality," expressed in the first essay of the work *Genealogy of Morals*, reminds us to the idea that, starting from the reflection on the origin of the "morality of compassion", Nietzsche believed that this comes from the slave resentment. Divided into three, right in the third period of his life and work are the reflections on the moral. Divided into three essays from this period, the work *Genealogy of Morals*, to the development of our research, we cut the first essay and a part of the third. However, we turn to other works of the philosopher and expert authors, both as a thinker on the subject cast. Seeking the understanding of reflection "beyond good and bad," we see in our research that, from the philological knowledge, Nietzsche concluded that the notion of good and evil was given a double package. If, the dominant moral reflected the way the caste of warrior nobility from the resentment started the priestly caste, with their schemes to reach the hearts of slaves, was renamed the plebeian character. Thus, we understand that good and evil passed under a process of revaluation which, starting with the resentment of the priestly caste, sketched in a reversal of the concepts and moral values of the nobles by slaves, thus constituting "the triumph of commoners".

**Keywords: Revaluation, resentment, chaste, good and evil.**

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>8</b>
<b>1. Nietzsche e a finalidade da “genealogia”</b>	<b>12</b>
Os primeiros passos de Friedrich Nietzsche	12
A marcha das metamorfoses de Nietzsche	15
A “genealogia” e a investigação do valor dos valores	19
<b>2. A transvaloração dos valores na revolta escrava da moral</b>	<b>27</b>
Bom e ruim na moral aristocrática	27
A passagem da moral aristocrática para a sacerdotal	33
<b>3. A transvaloração da moral e o ressentimento</b>	<b>38</b>
O ressentimento na inversão da moral escrava	38
O ressentimento como psicologia do sacerdote	42
<b>Considerações finais</b>	<b>47</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

*Genealogia da moral*, escrita como complemento a *Além do bem e do mal*, ocupa um lugar destacado entre as obras de Nietzsche. Sob ângulos diversos, as três dissertações que a compõem, em especial a primeira, da qual se ocupa o presente trabalho, tratam acerca da origem e dos fundamentos pelos quais se desvelou a “moral da compaixão”. Iniciando sua reflexão a partir da quebra com a tradição, apresentou a noção de que aos valores morais fora incumbido um processo de dupla pré-história. Apoiando-se no fato de que, no decorrer do tempo, bem e mal possuíram dois sentidos distintos, Nietzsche, “tanto nas diferentes civilizações quanto nos diversos indivíduos, julga constatar dois modos de comportamento, dois tipos fundamentais de moral”<sup>1</sup>: a moral dos senhores e a moral dos escravos.

Segundo o filósofo, embora hajam investigações que tenham refletido sobre o início da moral e dos seus juízos de valor e conceitos, suas tentativas fracassaram, pois, buscando e estabelecendo suas reflexões no lugar errado, além de alguns terem fixado suas abordagens, ainda, na tradição, o que não possibilitou uma reflexão imparcial e desprendida de uma ordem transcendente, outros refletiram sua origem relacionando os seus conceitos à noção de utilidade, hábito e esquecimento dessa utilidade.

No entanto, partindo do pressuposto de que a verdadeira origem da moral seja histórica, sob esta ótica, por Nietzsche, nos é apresentada a idéia de que a reflexão do fundamento da origem da moral deve proceder seguindo um fio condutor da investigação genealógica. Não apenas partindo de uma análise etimológica, o que também ocorre pelo fato de Nietzsche lançar mão do conhecimento filológico na análise do desenvolvimento e transformação dos nomes usados para a designação dos juízos de valor, mas, também, na reflexão a partir de quem criou essas designações, seguidos de seus respectivos conceitos.

O filósofo supõe que a criação dos valores e de seus conceitos foram articuladas por famílias de estirpe nobre, que a partir da observação das suas próprias características, como por exemplo, no *pathos* da distância da nobreza, julgavam constituir uma casta de estirpe

---

<sup>1</sup> Marton, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*, São Paulo: Moderna, 2006, p. 45.

superior, em detrimento de outra camada, a dos escravos. O modo de valoração daqueles instituiu, até determinado período, o arquétipo dominante de valoração que conduziu os preceitos morais para a humanidade. Entretanto, na observação de que, como uma norma natural, junto ao condicionamento da superioridade política sempre há a espiritual, surgira nos corações dos sacerdotes um ressentimento que, baseado a partir de uma fundamentação “divina”, da qual, enquanto porta voz, a casta sacerdotal foi responsável por um processo que culminou na completa transformação da moral.

Dessa forma, Nietzsche nos apresenta uma série de fatores que contribuíram para esse novo modo de valoração, os quais, fundamentados na qualidade de impotência dos sacerdotes, têm seu ponto de partida no ódio que origina o ressentimento. Baseados na qualidade de impotência dos sacerdotes, negando que a força se exprima como tal, ou seja, partindo de uma afirmadora e forte ação, sob a estratégia da mais vigorosa sedução e da mais “sublime” e tentadora isca, a nova moral logrou o espaço da moral nobre, da moral da afirmação e dos afirmadores. Assim, os ressentidos, ou, ainda, o povo sacerdotal, agarrados à mensagem de salvação como recompensa à sua condição de oprimido, usurpou o espaço do modo de valoração nobre, fazendo com que, não mais a afirmação, mas a reação firmada na vingança, constituísse o mais novo molde pelo qual o homem devesse atribuir seus juízos de valoração.

É nessa mudança no modo de valoração que Nietzsche acredita residir a transvaloração dos valores, em que, segundo se desenvolve na primeira dissertação da *Genealogia da moral*, o par conceitual bom/ruim da moral dos senhores converteu-se em bom/mau da moral escrava. Neste sentido, pode-se afirmar que, daí, instaurou-se uma moral “para além do bom e do ruim”, esta consistindo a problemática da presente pesquisa monográfica.

Ao desenvolvimento do tema indicado, dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro, intitulado **Nietzsche e a finalidade da Genealogia**, pretendemos refletir, além do método genealógico de que o filósofo lança mão na sua investigação sobre a moral, um pouco da sua biografia, apresentando, além do seu juvenismo com a sua primeira investida na busca pela origem do bem e do mal, o início da sua brilhante carreira acadêmica, a qual, culminando nas cátedras universitárias, desembocou no início da sua antologia.

No entanto, não engessada pela tradição filosófica, ao contrário, vida e obra do filósofo, caracterizam-se por uma transformação dividida em três períodos. Embora tenham estes, com características importantes para a compreensão da sua filosofia, a nossa pesquisa monográfica baseia-se nas suas reflexões provenientes do terceiro e último período, em que se encontra o fio condutor que serviu para a sua investigação sobre a origem da moral, o método genealógico, o qual julgou o filósofo ser a mais adequada ferramenta para se fazer desvelar os arquétipos primordiais nos quais a moral da compaixão se desenvolveu.

Ao analisar a reflexão referente à primeira parte, no capítulo subsequente, **A transvaloração dos valores na revolta escrava da moral**, trataremos do movimento, observado pelo filósofo, que a moral sofreu no linear da história. Dadas as informações de que, num primeiro momento, a moral dominante foi proveniente da aristocracia guerreira, pelo *pathos* da distância para com os plebeus, aqueles sentiram o direito de conceituar e valorar, mas que, entretanto, houve um processo denominado “transvaloração”. O mesmo se deu a partir da casta sacerdotal que, imersa num ciúme da aristocracia guerreira, quanto às suas estimativas, a exemplo de Roma e Judéia, culminou num ódio de proporções colossais, do qual o ressentimento emergiu como o seu fruto mais “espiritual”, o que promoveu, inclusive, a mudança de termos na nomeação e valoração.

Por fim, no terceiro e último capítulo, **A transvaloração da moral e o ressentimento**, a abordagem em nossa pesquisa monográfica problematiza o papel do ressentimento no processo de inversão sofrida pela moral na categoria dos menos favorecidos. Com os “ruins”, a “moral de rebanho” triunfou em quase todas as regiões da Terra. Aos oprimidos e “pequeninos” foi direcionada a promessa da salvação que, situada num ressentimento, método da psicologia dos sacerdotes, influenciou, instintivamente, os oprimidos, os agora “bons”, à “moral da compaixão”. Compreendendo uma culpa que todos possuem pela natureza pecadora, no entanto, lançando mão dos métodos de cura dos sacerdotes, pode-se haver a redenção da culpa.

No presente trabalho, a metodologia usada consiste, de início, na leitura da obra de Nietzsche denominada *Genealogia da moral*. Uma vez que o tema que abordamos pode-se encontrar na referente obra, ao examinarmos as três dissertações que a compõem, recortamos, especificamente, na primeira dissertação, a reflexão acerca do tema que trabalhamos em nossa

pesquisa. No entanto, embora o recorte aqui feito esteja presente na primeira parte, necessitamos, ainda, frequentar a terceira dissertação como forma de complemento para o que tratamos no terceiro capítulo do nosso trabalho. Além da *Genealogia*, pela amplitude do tema elucidado em nosso trabalho, sentimos a necessidade de consultar, além de outras obras do filósofo, alguns livros que compunham uma literatura especializada, tanto no próprio filósofo quanto no tema abordado em nossa pesquisa.

Na construção do nosso trabalho monográfico, nos recortes e leituras que fizemos para sua construção, percebemos nuances que nos levaram a crer que a questão da qual tratamos em nossa pesquisa se revelou ter partido de uma casta em detrimento de outra. A consequência desse fato foi um ódio de grandes proporções que, abrangendo completamente o âmago daqueles que se fizeram ciumentos, foi responsável, através de uma gama de complexos fatores, pelo acontecimento que mudou toda uma forma de se pensar e de agir, ou seja, foi responsável pela completa inversão dos arquétipos morais pelos quais os homens de outrora firmaram sua confiança. Neste sentido, como hipótese norteadora do presente estudo, segue-se que em Nietzsche, a transvaloração dos valores, parece constituir uma chave da interpretação que não somente contribui para a compreensão do todo da sua obra, numa empreitada futura, como também sugere um caminho plausível à problematização dos dilemas morais (e éticos) que agitam a reflexão filosófica na atualidade.

## CAPÍTULO I

### Nietzsche e a finalidade da genealogia

#### Os Primeiros passos de Friedrich Wilhelm Nietzsche.

O final do século XIX foi marcado pelo término da filosofia em seu arquétipo moderno. Com Nietzsche, essa ruptura tornou-se fato uma vez que o filósofo difundiu, no decorrer da sua vida e da sua obra, uma quebra com a tradição filosófica vigente a partir de questionamentos e reflexões quanto à credibilidade das verdades oriundas do curso paradigmático da racionalidade e, aqui, em se tratando do uso da razão, no tratamento da reflexão moral. Podemos vislumbrar esse evento através da descrição de um processo de modificação denominado as “três metamorfoses”<sup>2</sup>. Elucidada na obra *Assim falou Zaratustra*, a descrição desse processo teve, para o filósofo, o objetivo de ilustrar a configuração da sua obra no transcorrer da sua vida.

Esse processo de modificação consistiria, inicialmente, na transformação do espírito em camelo, naquele ao qual subjaz o papel de transportador do peso da tradição com os seus valores estabelecidos, incluindo, além da carga da educação, a da moral e a da cultura; em seguida, de camelo em leão, a quem é incumbido a tarefa da quebra das “estátuas”, isto é, as convicções engessadas numa credibilidade desprovida de reflexão, significando o rompimento

---

<sup>2</sup> Cf. Deleuze, Gilles. *Nietzsche*, Lisboa: Edições 70, 2009, p. 7. Quando o espírito se torna camelo e carrega o peso de toda uma tradição, ele traz consigo a obediência da qual todo manso espírito respeitosamente orgulha-se em carregar, não mostrando incômodo pela pesadíssima carga do “Tu deves”. Como assim faz o camelo, que carrega seu pesadíssimo fardo para o deserto, assim o faz o espírito, com o seu pesadíssimo “Tu deves”, vai para o seu deserto. Aí ocorre a segunda metamorfose, o espírito, de camelo, torna-se leão, aquele que quer ser senhor do seu próprio deserto, que, para isso deve vencer seu último senhor, seu último deus, pelo qual já foi criado o último valor e que, pelo seu “Eu quero”, não deve existir mais nenhum. Mas, embora pela potência do leão tenha sido conquistada a liberdade de “um sagrado Não” diante do dever, dando espaço a uma nova criação, ele ainda não é capaz de criar novos valores. No entanto, a rapina da liberdade feita vorazmente pelo leão abre a fresta a uma nova transmutação, a de leão, animal de rapina, em criança, a única que, capaz de esquecimento, torna-se criadora, como em um primeiro movimento, de novos valores, de um valoroso “Sim” a vontade que o seu livre espírito agora possui.

com a tradição outrora inquestionável, propiciando, assim, o rompimento do fardo da tradição, fazendo com que houvesse a possibilidade para uma crítica a todos os valores impostos, incluindo os da filosofia; finalmente, e conseqüentemente, numa criança, à qual é dada a incumbência da inovação dos valores, onde, a partir desse ponto, seria ela a responsável pela criação de novos princípios e julgamentos.

No entanto, além da sua antologia, podemos observar que esta metamorfose relaciona-se, também, à sua vida, pois, “de acordo, com Nietzsche, estas três metamorfoses significam, entre outras coisas, momentos da sua obra e também estádios da sua vida e sua saúde”<sup>3</sup>.

Em 1844, Nietzsche nasce em Röcken, na Prússia. Filho e neto de pastores protestantes, quando criança, aspirou seguir a carreira de seu pai e a de seu avô. Quando, em 1849, morreram seu pai e seu irmão, mudou-se para Namburgo com a sua mãe e com a sua irmã. Com o decorrer do tempo, em 1858, consegue uma bolsa de estudos no conceituado Colégio Real de Pforta, no qual, sob influência de alguns dos seus professores, tendo em vista, também, seus primeiros contatos com alguns filósofos, deu início ao seu afastamento das crenças do cristianismo, inclusive, tornando-se um excelente aluno em estudos bíblicos, grego, voltando-se para a leitura de alguns escritos clássicos antigos de Platão e Ésquilo, bem como, alemão e latim.

Embora tendo iniciado a sua carreira acadêmica, em 1864, na Universidade de Bonn, no ano seguinte, pede transferência para a Universidade de Leipzig, na qual, continuou com os estudos que compreendiam tanto a filosofia quanto a teologia. Entretanto, logo abandonou a teologia e, continuando com a filosofia, lançou-se, também, nos estudos de filologia clássica. A partir daí, pela primeira vez, teve contato com os clássicos da tragédia grega<sup>4</sup>. Em 1866, funda com alguns colegas e um de seus professores a Sociedade Filológica de Leipzig onde, nas reuniões, apresentava a leitura dos seus trabalhos<sup>5</sup>. Já no ano subsequente, desenvolve outros trabalhos sendo que um de seus artigos houvera sido publicado numa importante

---

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> É também neste período que o filósofo conhece a filosofia de Arthur Schopenhauer.

<sup>5</sup> Neste mesmo ano Nietzsche fez uma conferência sobre Theógnis e sobre um léxico bizantino chamado Suídas. Cf. Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 23.

revista de filologia greco-latina<sup>6</sup>. Também, nesse mesmo período, redigiu o trabalho *As fontes de Diógenes Laércio*.

Em 1868, Nietzsche incorporou-se no serviço militar, mas, devido a um acidente de montaria, retornou a Namburgo, ficando junto a sua família. Por conta de sua recuperação, ele voltou para Leipzig onde, lá, escreveu uma série de artigos filológicos<sup>7</sup>. Como aluno, devido a seu grande empenho e disciplina, obteve um ótimo desempenho acadêmico, o que, posteriormente, contribuiu para a precoce designação do jovem Nietzsche que, com vinte e quatro anos, foi nomeado professor de filologia clássica na Universidade da Basileia, na qual, cotidianamente, lecionou aulas sobre poesia grega antiga, sobre as tragédias e seus respectivos temas, como: “O drama musical grego”, “A visão Dionisíaca do Mundo”, “Origem e Finalidade da Tragédia”<sup>8</sup>.

Em 1870, ao anular a sua cidadania prussiana, obteve a cidadania suíça e, junto às autoridades deste país, foi ao fronte da guerra franco-prussiana, a qual constituiu um marcante fato para a unificação da Alemanha de Bismarck. Na sua participação no combate exerceu a função de enfermeiro. No entanto, devido a problemas de saúde, regressou a Basileia onde continuou com seus cursos, mas com algo transformado. A partir daí “entende que preservar a tradição cultural é mais relevante que ser tomado pelo alvoroço político da modernidade”<sup>9</sup>. Na sua vida, esta compreende a fase do camelo, com a carga e preservação da tradição. A sua simpatia pelo espírito nacionalista, próprio da modernidade, nele havia tomado outra roupagem. Ao que parece, o filósofo “já não pode suportar a identificação da cultura com o Estado nem acreditar que a vitória das armas seja um sinal para a cultura”<sup>10</sup>, configurando, dessa maneira, como mais uma nuance do abandono das velhas crenças, bem como o abandono dos velhos fardos. Por conta das suas opiniões, em detrimento da tradição cultural, embora não tenha surtido efeito, ansiou pela formação de uma elite intelectual que seria formada por ele e seus amigos, confraria tal que teria como intuito, nos trâmites das suas idéias, colaborar para uma renovação da cultura. Embora o filósofo almejasse a criação de um

---

<sup>6</sup> O trabalho foi intitulado “Para a história da coletânea dos aforismos de Theógnis”, o qual foi publicado na revista *Reinisches Museum*.

<sup>7</sup> A publicação de tais artigos ocorreu na *Revista Literária do Centro*.

<sup>8</sup> Nesta época, Nietzsche pôde conhecer o músico Richard Wagner, homem responsável por lhe despertar grande interesse pela música e pela poesia.

<sup>9</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 29.

<sup>10</sup> Deleuze, Gilles, *Op. Cit.*, p. 8.

grupo que fosse responsável pela reflexão quanto a renovação da cultura, tal fase, ainda, constitui, o primeiro período da sua vida, enquanto pensador, como veremos a seguir, os momentos em que a sua vida passa pelas três transmutações.

### **A marcha das metamorfoses de Nietzsche.**

Sabida a questão do processo de transformação, ou o das metamorfoses ou, ainda, “levando em conta a divisão da obra de Nietzsche em três períodos,”<sup>11</sup> assim é dividida a sua antologia. A primeira parte compreende o tempo entre 1870 a 1876<sup>12</sup>; a segunda corresponde aos anos de 1876 a 1882, na qual fez desvelar a grande influência que o filósofo sofreu pelo positivismo, sendo marcada por forte influência do moralismo francês, crítica do caráter exagerado humano presente na filosofia, ao passo que defende a liberdade de espírito; por fim, a terceira transcorreu do ano de 1882 a 1888. Período este que, marcado pela sólida elaboração da sua própria filosofia, destacando-se pela reconstrução dos valores e por ser a fase da *Genealogia*, foi também a fase da afirmação da vida e das reflexões morais.

Inaugurando o primeiro período do seu pensamento e da sua antologia, com a influência por ele sofrida quanto a disseminação do seu pensamento no âmbito do pessimismo romântico, em 1870, Nietzsche profere duas conferências referentes ao *Drama musical grego* e *Sócrates e a tragédia*. Segundo estas, a música, enquanto conteúdo da tragédia antiga, é consequência da questão gerada pela consideração do mal, visto a partir da ótica da categoria artística<sup>13</sup>, o que serve como conforto metafísico para as inelutáveis configurações do Destino. Em 1871, o filósofo lavra e, no ano seguinte, publica a sua primeira obra de maior abrangência filosófica, intitulada *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música, ou*

---

<sup>11</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 64.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 64. Este período corresponde à manifestação da extensão que a filosofia shopenhauereana, como também, as idéias de Wagner, alcançaram no pensamento de Nietzsche.

<sup>13</sup> “O *phatos* gerado pela consideração do mal por meio da ordem artística faz da música a substância da tragédia antiga”. Cf. Rovighi, Sophia Vanni, *História da filosofia contemporânea: do século XIX à neoescolástica*. Tradução: Ana Paula Capocilla. São Paulo: Loyola, 2004, p. 278.

*Helenismo e pessimismo*. Esta obra traz consigo a grande característica oriunda da mistura entre filosofia e filologia<sup>14</sup>. *A Origem da Tragédia* surge como uma releitura da greccidade.

Partindo do olhar renovado que o filósofo deu aos elementos basilares presentes na tradição precedente, há a apreensão do apolíneo e do dionisíaco, constituindo, além de uma insurreição filosófica, também estética, bem como uma apreciação da cultura como um redirecionamento da mesma quanto a sua renovação. Já em 1873, escreve *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos*, como também *Introdução Teorética sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral*. Na primeira, o pensador reflete quanto à questão do tratamento dado com relação à ênfase que fora atribuída ao apontar para o que seria a usurpação dos protótipos filosóficos em sua gênese.

Ao fato de que a filosofia não brotou da Grécia, como comumente é pensado, pode-se afirmar que seja verdade que não se tratara de uma cultura íncola. No entanto, defende Nietzsche, deve-se reconhecer a capacidade que os gregos possuíram ao saberem aproveitar a cultura de outros povos de maneira a “retomar a lança onde outro povo a abandonou, para arremessá-la mais longe”<sup>15</sup>. Quanto à segunda, nos é apresentada, como uma de suas principais características, a reflexão acerca da linguagem estabelecida sob o aspecto dos moldes sociais. Aqui, nos é dada a reflexão quanto à formação da linguagem, munida de suas regras e funções cognitivas, estas criadas livremente a partir de um sistema metafórico dado como único modo válido que, publicamente, serve para a descrição do mundo<sup>16</sup>.

Em 1874, surge a edição da *Segunda Consideração extemporânea: Da utilidade e Desvantagens da História para a Vida*, bem como a *Terceira consideração extemporânea: Schopenhauer como educador*. Na primeira, o filósofo expressa uma ferrenha crítica à erudição encontrada na presunçosa cultura alemã, a qual falseou o legado do século anterior, onde, “homens de gênio souberam abrir-se tanto ao classicismo quanto ao novo *esprit*

---

<sup>14</sup> “Um dos aspectos do insuperável fascínio desta obra consiste precisamente na peculiar mistura, nela, de filologia e filosofia, numa grande dimensão e com resultados que não encontram precedentes na grande filologia-filosofia romântica (os irmãos Schlegel, Creuze) à qual também Nietzsche está ligado”. Cf. Vattimo, Gianni, *Introdução a Nietzsche*. Tradução: Antônio Guerreiro. Lisboa: Editorial presença, 1990, p. 16.

<sup>15</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 65.

<sup>16</sup> “Toda a linguagem, na origem, é metáfora, indicação de coisas mediante sons que nada têm a ver, em si, com as próprias coisas”. Cf. Vattimo, Gianni, *Op. Cit.*, p. 24.

européu”<sup>17</sup>. Já a segunda, caracteriza-se como um encômio feito por Nietzsche ao pensador expressando a pessimista visão da história humana ao exaltar a reflexão de raros eleitos. Dois anos após, em 1876, vem a *Quarta Consideração Extemporânea: Richard Wagner em Bayreuth*. Neste período, entre o jovem filósofo e o músico já há certa distância. No entanto, na “quarta consideração”, apesar de apresentar “volutas retóricas substanciais”<sup>18</sup>, Nietzsche deixa implícito o seu sentimento de perplexidade por parte da obra do músico que ganhara forte admiração e respeito na Europa, apesar de, nesta obra, também discorrer elogiosamente a respeito do mesmo.

Nas *Considerações Extemporâneas*, Nietzsche expressa, nas duas primeiras, a sua crítica à cultura nos trâmites da sua época, o que caracteriza a fase do camelo, enquanto que, nas duas últimas, ele reflete a filosofia shopenhaureana e a música wagneriana como nuances para um revigoramento da cultura da Alemanha. Apesar de encômios atribuídos aos mestres, o pensador assim o faz revelando com discrição o seu afastamento das idéias tanto de uma quanto de outra. Não querendo empreender de maneira a divulgar pensamentos alheios, o filósofo almeja empenhar-se na produção do seu próprio pensamento, “refratário a compromissos, deseja empregar a sua força e inteligência na busca do próprio caminho”<sup>19</sup>.

Nesta perspectiva, postas as bases para o desencadear do seu pensamento, no ano de 1878, sob influência do positivismo, inaugurando a sua crítica aos valores, constituindo a chegada à idade do leão, Nietzsche inicia o segundo período da sua antologia, publicando *Humano, demasiado humano*. Trazendo consigo a crítica do dogmatismo da filosofia acadêmica, o pensador discute sobre o que seria a verdadeira filosofia. Para ele, se trataria das ciências naturais seguidas da história. Mas, neste âmbito, com o reconhecimento dos limites oriundos destes conhecimentos, há, por trás de tais afirmações, a reflexão do repensar do significado, tanto das ciências naturais quanto da história<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> Rovighi, Sophia Vammi, *Op. Cit.*, p. 279.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 26.

<sup>20</sup> “No período que começa com *Humano, demasiado humano*, se desenvolverá precisamente repensando o significado das ciências e da história (quer como formas de saber, quer nas suas implicações para a organização da sociedade) e redefinirá em relação a elas a própria concepção das tarefas da filosofia”. Cf. Vattimo, Gianni, *Op. Cit.*, p. 32.

No ano seguinte, doente, Nietzsche apresenta carta de demissão junto à Universidade de Basileia. No entanto, continuou a produzir o que seriam os apêndices a *Humano, demasiado humano: Miscelânea de opiniões e sentenças* e *O andarilho e sua sombra*, este lançado em 1880. Em 1881, publica *Aurora*. Já em 1882, nos vem *A gaia ciência*. Bem como em *Humano, demasiado humano*, estas duas obras decorrentes deste segundo período enfatizam o que seria denominado como o fim da “metafísica artística”.

Esse período transcorreu num contexto no qual Nietzsche afastou-se dos seus amigos e também atravessou uma intensa crise de saúde, a qual fortemente influenciou o seu pensamento. Apesar de, para o filósofo, a doença não servir como fonte de inspiração e dela não decorrer o sofrimento, ela não é capaz de afetar um fora, um “corpo-objeto”, ou ainda, um “cérebro-objeto”. Para ele, a atividade do pensamento consegue sobressair a tal realidade, de maneira a, a partir do fato ocorrido, poder ilustrar um novo modo de pensar. “Na doença, ele vê de preferência *um ponto de vista* sobre a saúde; e na saúde *um ponto de vista* sobre a doença”<sup>21</sup>. “A doença [...] constitui de preferência uma intersubjetividade secreta no seio de um mesmo indivíduo”<sup>22</sup>.

Em 1883, é inaugurada a terceira metamorfose, o caminho do leão para a criança. Dessa vez, na Alemanha, publica *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Esta obra acrescentou pontos os quais convieram à outra obra que lhe serviria como complemento, conduzindo a crítica a um nível antes não alcançado e lhe soando como artifício para uma transmutação dos valores, partindo de um “não ao serviço de uma afirmação superior”<sup>23</sup>. Em consequência de tal pensamento, três anos mais tarde, em 1886, surge *Para além do bem e do mal*, e, no ano subsequente, *Para a genealogia da moral: uma polêmica*, como seu complemento e ilustração.

Neste período, surgem, também, prefácios referentes a *Humano, demasiado humano*, *O nascimento da tragédia*, *Aurora* e *A gaia ciência*. Em 1887, seguido de *Para a genealogia da moral: uma polêmica*, redige *O niilismo europeu*. Um ano após, escreve *O caso Wagner* e publica *Crepúsculo dos ídolos*, *O anticristo* e *Ecce homo*.

---

<sup>21</sup> Deleuze, Gilles, *Op. Cit.*, p. 10.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 13.

## **A *Genealogia* e a investigação do valor dos valores.**

Para Nietzsche, ter o homem como pressuposto para uma visão privilegiada e superior do filosofar faz deflagrar, no terceiro momento da sua vida e obra, a supressão da moral. No entanto, o “*defeito hereditário dos filósofos*”<sup>24</sup> elencado no início do segundo período da sua vida e obra, período este é caracterizado pela extensão das idéias do positivismo, consiste na “falta de sentido histórico”<sup>25</sup> desses pensadores que, erroneamente, insistem em refletir o homem como algo imutável, estático, sem movimento, traduzindo um erro que, despercebidamente, situa-se nas especulações filosóficas desde seus primórdios.

A *Genealogia da moral* desenvolve um papel de grande valor, pois, a sua peculiar maneira de apurar os fatos e acontecimentos da história do desenvolvimento da moral faz deflagrar, segundo o filósofo, uma moral forjada e criada a partir de uma legitimidade falsa e que não permite à afirmação da vida. Dessa feita, à reflexão sobre o homem, segundo o pensador, é necessário que seja levado em consideração o seu posicionamento, não a partir de quatro mil anos atrás, período no qual o homem talvez tenha sofrido pequenas alterações, mas compreendê-lo como algo tanto de um tempo quanto de um espaço bastante limitado. Isto é, a compreensão do homem só é possível se for refletida a contextualização histórica em que cada povo viveu, levando em consideração as suas características em cada época observada. Os psicólogos ingleses, no entanto, “não querem aprender que o homem veio a ser, que até mesmo a faculdade de conhecimento veio a ser”<sup>26</sup>. Embora sejam percebidos, no homem atualizado, os instintos, como por exemplo, os instintos de reação, reconhecendo-os como alguns dos poucos fatos invariáveis nele presentes.

Segundo Nietzsche, tudo o que é essencial ao desenvolvimento humano ocorreu em tempos imemoráveis, incluindo a formação da própria consciência. Contraponto a tal viés, “muitos chegam a tomar, despercebidamente, a mais jovem das configurações do homem, tal

---

<sup>24</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 68.

<sup>25</sup> *Ibidem*.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

como surgiu sob a pressão de determinadas religiões, e até mesmo de determinados acontecimentos políticos, como a forma firme de que se tem de partir”<sup>27</sup>.

A partir da transformação do espírito em leão, constituindo o segundo momento da sua vida, surge a negação das tradições estabelecidas. No entanto, é no terceiro momento, com o “nascimento da criança”, que o surgimento da proposta do completo abandono dos antigos valores deságua na reflexão moral em que surge a necessidade de que sejam repensados e reescritos. Como reforço da idéia principal que caracteriza essa época, foi desenvolvida, em adendo a *Para Além do Bem e do Mal*, a obra *Genealogia da Moral*. Uma vez que tal momento tenha se caracterizado como o período em que há, na obra nietzschiana correspondente, a *Genealogia*, por meio desta, o pensador planeja, de maneira clara, argüir a configuração pela qual, ao longo da filosofia, a moral foi refletida, ou seja, de maneira a-histórica, libertando, assim, o homem da condição de eterno, bem como, a moral de origens transcendentais, nas quais, mesmo as reflexões científicas, ainda possuam raízes.

Em *Genealogia da Moral*, o método genealógico, como já é definido no próprio título, pressupõe um processo investigativo que o filósofo, a partir de conhecimentos históricos, filológicos, bem como de um “inato senso de questões psicológicas”<sup>28</sup>, lançou mão para a solução do problema por ele levantado que consiste em tornar clara a “moral da compaixão”, ou ainda: “sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor „bom□ e „mau□?”<sup>29</sup>, estes, sinais fundamentais daquela moral.

Quanto à resolução de tal problema, diz o filósofo: “para isso encontrei e arrisquei respostas diversas, diferenciei épocas, povos, hierarquias dos indivíduos, especializei meu problema”<sup>30</sup>. Em sua empreitada, o caminho por ele percorrido, além de propiciar uma reflexão acerca de um homem livre da condição de eterno, desmistifica e desmitifica a origem da moral.

---

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução: Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2009, p. 9.

<sup>29</sup> Ibidem.

<sup>30</sup> Ibidem.

Aplicado numa investigação, acredita-se que o método genealógico promove um levantamento histórico preciso, desvencilhado; além de explicações transcendentais das religiões, também de qualquer explicação oriunda do campo teórico da erudição científica. Indiferente, “a genealogia seria, portanto, com relação ao projeto de uma inscrição dos saberes na hierarquia de poderes próprios à ciência, um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico”<sup>31</sup>.

Ao lançar “a um olhar tão agudo e imparcial uma direção melhor, a direção da efetiva *história da moral*, prevenindo-o a tempo contra essas hipóteses inglesas que se perdem *no azul*”<sup>32</sup>, Nietzsche pretende, de uma vez por todas, trazer à superfície a longa e antiga história da moral, não mais a partir de uma ciência psicológica errônea, mas a partir do método genealógico, segundo ele, o único caminho que certamente poderia proporcionar, de forma significativa, uma reflexão aprofundada sobre a moral, já que a sua história é mais antiga do que, até então, se havia constatado.

À moral é indispensável a ciente reflexão do quão longínqua se deu sua formação. Os moldes investigativos pelos quais se deram as investidas a seu respeito não passaram de tentativas frustradas e, por vezes, toscas, o que desencadeou uma série de enganos e de informações duvidosas acerca dos seus arquétipos originários. O pensador é quem, pela primeira vez, a partir do título *Genealogia da moral*, introduz na filosofia o método genealógico. Segundo compreendem os estudiosos da sua obra, “Nietzsche escreveu mais de uma vez „historia□ da moral, mas o título que se tornou célebre, *Genealogia da moral*, introduziu daí em diante na filosofia a noção de genealogia”<sup>33</sup>.

Tratando-se de uma pesquisa histórica acerca, não de um começo, mas da origem do fundamento da moral, “a genealogia prova a legitimidade das pretensões a uma herança, a um

---

<sup>31</sup> Foucault, Michel, *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 172.

<sup>32</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 12.

<sup>33</sup> Lefranc, Jean, *Compreender Nietzsche*. Tradução: Lucia M. Eudbich Ortl. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, p. 135.

nome”<sup>34</sup>, que, estabelecendo a continuidade e o papel de famílias nobres na valoração, quanto a sua “raça”, por meio das gerações, encontra a origem de um bem e de um título.

Importando, inicialmente, às famílias aristocráticas a averiguação de precedentes que lhes servem como distintivo, ou seja, algo como posse de feudos e de brasões, a *Genealogia*, com o seu método, reflete as diferenças de filiação partindo de um tronco, de uma linhagem inicial. Ou seja, “ela torna de novo presente o que estava esquecido, dá força a um direito originário que a história havia deixado cair em desuso”<sup>35</sup>.

Sendo o termo genealogia usado desde o século XVIII em lingüística histórica, nas pesquisas referentes à classificação das línguas a partir de “ramos”, em analogia a esse esquema, numa perspectiva filológica, o pensador faz uso da genealogia, analisando, também, significações, encontrando origens de palavras em várias línguas e dialetos diversos, fazendo aparecer novas significações, bem como novas semelhanças de termos usados para designar a valoração de cada homem.

Este procedimento caracteriza uma genealogia como sendo mais que história, pois, além de descrever o transcorrer dos fatos, também elucida de maneira conspícua, como se deram seus fundamentos e, no caso de Nietzsche, tanto na elucidação acerca de atribuições de valor a indivíduos quanto na reflexão acerca dos termos originários a respeito das atribuições conceituais usadas para a designação de tais valores.

Após a sua caminhada pelos apontes do “Sim”, da afirmação enquanto nobre atitude, é chegada a hora que consistiria na basilar reflexão do “Não”, e do que o constitui, esta sendo uma atitude digna de plebeu. A *Genealogia da Moral* surge com este objetivo, dividida em três partes denominadas dissertações, mais um prólogo, aos padrões de uma fala informal, mas com o toque refinado de aforismos.

Já no prólogo, o filósofo irá definir a finalidade da *genealogia* ao discorrer a respeito dos convencionalismos morais e sua fundamentação. Conforme descrito em *Ecce homo*, nela, é feita uma crítica à modernidade, “não excluídas as ciências modernas, as artes modernas,

---

<sup>34</sup> Ibidem.

<sup>35</sup> Ibidem.

mesmo a política moderna, juntamente com indicações para um tipo antitético que é o menos moderno possível, um tipo nobre que diz Sim”<sup>36</sup>. Dessa forma, o filósofo trata sobre a “moral da compaixão”.

Tendo como tema “a *origem* dos nossos preconceitos morais”<sup>37</sup>, na *genealogia*, o método que lhe serve como título tem o intuito de evidenciar, de forma clara, como se originaram os conceitos “bom” e “mau”, procurando, ainda mais a fundo, qual valor que tais conceitos possuem, levando sempre em consideração, se obstruíram ou se promoveram o crescimento humano, ainda, se são sinal de miséria e degeneração da vida, ou se, ao contrário, constituem uma perfeição seguida de uma força, de uma coragem, refletindo o seu futuro, sua coragem e sua certeza.

Nietzsche, cada vez mais desconfiado dos moldes pelos quais, na Europa, se desdobrara a moral, compreende esta como uma sublime sedução, a “moral da compaixão”, do “não-egoísmo”, do desinteresse e sacrifício, a qual “havia dourado, divinizado, idealizado, por tão longo tempo que afinal eles lhes ficaram como „valores em si”, com base nos quais ele disse *não* à vida e a si mesmo”<sup>38</sup>.

Compreendendo essa moral, enfim, analisada de um modo radicalmente desconfiado e seguido de um profundo ceticismo, na *Genealogia*, esta moral foi abrangida como um “grande perigo para a humanidade”<sup>39</sup>, algo que, como uma isca, com grande êxito seduziu e seduz os corações da humanidade. No seu dizer, “compreendi a moral da compaixão, cada vez mais se alastrando, capturando e tornando doentes até mesmo os filósofos”<sup>40</sup>, estes que, devem ser “*comandantes e legisladores*”<sup>41</sup>, os quais, ao invés se deixarem ser engodados pela tradição estabelecida, deveriam inovar na criação de novos valores.

Apresentada a moral da compaixão como um problema que deve ser resolvido com os seus instintos de abnegação e domesticação da alma, há na *genealogia*, uma “*nova exigência*:

---

<sup>36</sup> Nietzsche, F., *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 91.

<sup>37</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 7.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 11. O filósofo se refere a Schopenhauer, seu grande mestre.

<sup>39</sup> *Ibidem*.

<sup>40</sup> *Ibidem*.

<sup>41</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 58.

necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, *o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão*”<sup>42</sup>. Nesta obra, o filósofo problematiza, de forma exponencial, o imenso problema da moral, acerca da qual, jamais foi realizada uma pesquisa convincente e bem sucedida quanto às suas origens.

De modo completamente desconfiado quanto aos moldes pelos quais a moral se exprime, reflete o equivocado conceito que lhe foi conferido ao longo da tradição. À moral foi sempre atribuída uma forma inquestionável quanto a sua veracidade e legitimidade, “tomava-se o *valor* desses „valores□ como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento”<sup>43</sup>. Ao “bom” foi sempre atribuído um valor superior em se tratando de utilidade e promoção da condição humana para fins mais elevados. Já ao “mau”, foi sempre atribuída uma idéia de perigo, de regressão, de algo que poderia afastar o homem do seu futuro, de Deus.

No entanto, para o ajuste da ótica que, de modo deslocado, sempre observou a moral e seus valores sob tais arquétipos, questionando, assim, o valor desses valores a partir da análise das suas origens e confirmando o fato de o melhor levante histórico da moral ser necessariamente de ordem genealógica, o pensador reflete que, para a análise dos seus valores, faz-se necessário “um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram”<sup>44</sup>, colocando em questionamento se na moral, com a qual todos estão costumeiramente a compactuar, trata-se de um sinal, de uma conseqüência, de um disfarce ou hipocrisia, ou, ainda, se diz respeito à idéia da “moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno”<sup>45</sup>.

Partindo de dados levantados nos trâmites da pesquisa histórica, inovando com o método genealógico, Nietzsche percebe que, quanto aos moldes da historicidade presente nos moralistas franceses<sup>46</sup>, “a concepção de história com que trabalha está muito próxima da

---

<sup>42</sup>.Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 12.

<sup>43</sup> Ibidem.

<sup>44</sup> Ibidem.

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> Montaigne, La Rochefoucauld, Vauvenargues, Chamfort e Stendhal. “Todos eles interessam-se pelo homem sem recorrer à metafísica ou à teologia; examinam a conduta humana sem buscar fundá-la em princípios transcendentais”. Cf. Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 51.

deles”<sup>47</sup>. Segundo os quais, o homem pode ser refletido sem o uso da metafísica ou teologia, ou seja, o homem pode ser tratado sem julgamentos baseados em fundamentos “transcendentais”. Devido a isto, o próprio Nietzsche afirma: “quem tiver acompanhado a história de uma ciência particular encontra em sua evolução um fio condutor para compreender os processos mais antigos e mais comuns de todo „saber e conhecer□”<sup>48</sup>.

Outra condição de análise que constitui a reflexão do filósofo é que, em qualquer apreciação dos valores, deve ocorrer uma análise que caminhe sob o crivo da vida, tornando possível a reflexão se tais valores contribuem para o seu favorecimento ou para a sua obstrução. Dessa feita, inquirir tais valores sob os domínios do método genealógico implica em refletir se tais juízos de valor e de conceito contribuem para a vida em sua plenitude ou se para a sua degeneração, se constituem um sintoma de uma vida ascendente ou de uma vida declinante.

Sob tal viés, na primeira dissertação encontra-se a psicologia do cristianismo conferindo o seu surgimento no arquétipo do ressentimento “espiritual” contra os valores nobres; a segunda problematiza a psicologia da consciência como diferente do que se acredita comumente, ou seja, como sendo “a voz de Deus no homem”. Para o filósofo, é, antes, o “instinto de crueldade que se volta para trás, quando já não pode se descarregar para fora”<sup>49</sup>; quanto à terceira dissertação, esta trata da origem dos ideais ascéticos, aqueles que partem do ideal sacerdotal, “*não* porque Deus atue por trás dos sacerdotes, mas sim *faute de mieux* [por falta de coisa melhor] – porque foi agora o único ideal por falta de concorrentes”<sup>50</sup>.

À psicologia do cristianismo, portanto, referente à primeira dissertação, *Gut und Böse*, *Gut und Schlecht*, ou seja, “Bom e Ruim, Bom e Mau” corresponde a transmutação que as denominações de valor sofreram quando o ressentimento tornou-se gerador de novos valores. Fruto de uma guerra entre as duas castas, este antagonismo propiciou, em seu cerne, o que Nietzsche denominou de “a transvaloração da moral”.

---

<sup>47</sup> Ibidem.

<sup>48</sup> Nietzsche, F., *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.80.

<sup>49</sup> Cf. Nietzsche, F., *Ecce homo*, p. 93.

<sup>50</sup> Ibidem.

O próximo capítulo do nosso trabalho monográfico refletirá sobre a transvaloração dos valores nobres pela moral escrava. Nesse sentido, trataremos a seguir como as reflexões destacadas subsidiaram a compreensão da moral instituída para além do bom e do ruim, ou seja, para a transvaloração da moral aristocrática.

## CAPÍTULO II

### A transvaloração dos valores na revolta escrava da moral

#### Bom e ruim na moral aristocrática.

Nietzsche, como se viu, submetendo a sua reflexão para a análise e crítica da “moral da compaixão”, em 1878 inaugura a “idade do leão”<sup>51</sup>. Mas, é a partir de 1883 que, iniciando o terceiro momento da sua obra, constituirá o período em que marca “a terceira metamorfose ou o tornar-se criança”<sup>52</sup>. Sendo neste momento que “se torna operatória a noção de valor”<sup>53</sup>, nele podemos encontrar possíveis razões para designá-lo como o da “transvaloração dos valores”<sup>54</sup>. Nesse momento, até então, submeter sua reflexão à noção de valor, exigiu uma atitude nunca antes ousada por nenhum filósofo, pois, “na presença da moral, como na presença de toda autoridade, não é lícito refletir, e ainda menos falar; ali é preciso obedecer”<sup>55</sup>. Sendo a sujeição cega o que se deve à moral e seus valores, a obediência moral jamais permitiu uma reflexão a seu respeito.

Assim, “sobre o que menos se tem pensado até agora foi sobre o bem e o mal”<sup>56</sup>, sustenta o filósofo, em que a moral tida como uma autoridade, a imoralidade é atribuída àqueles que ousarem refleti-la. No entanto, num sentido contrário, imbuído por uma inquietação própria, Nietzsche afirma, na segunda fase de sua obra: “desci às profundidades; penetrei até o fundo, comecei a minar e a examinar uma antiga confiança [...], a nossa confiança moral”<sup>57</sup>, na qual, até mesmo no campo “confiável” da razão, foi proferida a sua validação que, como um ato moral, buscou estabelecer e justificar a sua “contraposição ao

---

<sup>51</sup> Deleuze, Guilles, *Op. Cit.*, p. 10.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>53</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 42.

<sup>54</sup> *Ibidem*.

<sup>55</sup> Nietzsche, F., *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução: Mário D. Ferreira Santos. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008, p. 10.

<sup>56</sup> *Ibidem*.

<sup>57</sup> *Ibidem*.

*laisser ller* [„deixar ir□]”<sup>58</sup>, entretanto, esquecendo que “„se pudéssemos compreender pela razão como um Deus que manifesta tanta cólera e crueldade pode ser justo e bom, de que serviria então a „fé□?”<sup>59</sup>

Desembocando na reflexão acerca da inversão dos valores, é a partir da gênese da moral da compaixão que Nietzsche compreende e aprofunda os moldes pelos quais, no linear da história, a partir da “transvaloração”, foram criados os seus padrões. Tal altercação nos faz perceber que esta reflexão parte de um questionamento primeiro, o qual tem como desígnio problematizar, além do valor dos valores, a sua criação, pois, “se até agora não se pôs em causa o valor dos valores „bem□ e „mal□, é porque se supôs que existiram desde sempre; instituídos num além, encontravam legitimidade num mundo supra-sensível”<sup>60</sup>.

Dessa forma, partindo de uma reflexão primeira, com o intuito de compreender, além da origem, o valor dos valores morais, o interesse mais profundo preconizado nesta reflexão se deu à moral do não-egoísmo, especificamente, à “moral da compaixão” que, iniciada na “transvaloração da moral”, tomou o espaço da moral dos “orgulhosos”.

Nietzsche, lançando mão do seu conhecimento filológico na compreensão desta problemática, na primeira dissertação da *Genealogia*, apresenta uma reflexão que, a partir dos conceitos “bom”, “ruim” e “bom”, “mau”, expressa como se deu a dupla história de bem e mal. Enquanto “bom” e “ruim” obedecem à valoração dos nobres, “bom” e “mau” correspondem à valoração dos escravos. A problemática tratada na *Genealogia*, quanto à origem e fundamentação da “moral da compaixão”, faz desvelar um processo de alteração que, a partir do instinto de ressentimento, deu origem a um padrão ao qual, desprovendo-o de uma reflexão crítica e imparcial, a humanidade tomou para si como algo legítimo.

Dessa maneira, levantando elementos históricos por meio da genealogia, Nietzsche reflete, em dois tipos de moral, o seguinte processo: a moral dos fortes a qual, nos primórdios da humanidade, constituía a moral dominante entre os povos, mas que, posteriormente, por

---

<sup>58</sup> Nietzsche, F., *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 76.

<sup>59</sup> Usando um argumento de Lutero, Nietzsche refuta a reflexão de Kant quanto à demonstração de “um mundo indemonstrável, um „além□ lógico” que este proferiu na obra *Crítica da razão pura*. Cf. Nietzsche, F., *Aurora*, p. 12.

<sup>60</sup> Marton, Scarlet, *Op. Cit.*, p. 43.

meio de uma transvaloração iniciada a partir do ressentimento originário dos sacerdotes, enaltecendo os plebeus os plebeus, perdeu espaço para a moral dos fracos. Ou seja, os nobres, aristocratas, senhores, em oposição aos ressentidos, oprimidos, escravos.

A partir de tal fundamento, o filósofo explana acerca de que tais valores não emergem de noções fundadas nas categorias apriorísticas da metafísica, como tradicionalmente se pensa. Na verdade, o modo de valoração dos plebeus é oriundo da casta da aristocracia sacerdotal, pois, transformando sua impotência, frente aos nobres, em virtudes teologais da fé como a esperança, humildade e crença no juízo final, apenas dessa maneira é que o povo sacerdotal, os plebeus, conseguem inventar um consolo para o seu sofrimento.

Até então, bons eram aqueles aos quais se tinha por nobres, possuidores, verazes, homens de ação que, partindo de um Sim a si mesmos, oriundo de um orgulho interior, eles se julgavam como tal. Eram eles, portanto, tidos como bons, enquanto que aqueles que não provinham da mesma casta, eram ruins, não num sentido pejorativo e nem atrelado a nenhuma espécie de crueldade, mas sim, pelo simples fato de não constituírem a casta dominante. Ruins no sentido de pessoas pobres, desprovidas de bens, da não ação, referindo-se à competição.

Sob a forma de um movimento contrário, partindo, não de uma ação, mas de uma reação, não de um Sim a si mesmo, mas de um Não a um outro, envoltos num ódio espiritual, deste modo, é que os escravos, plebeus, por esse fato, deram um novo olhar aos valores, passando a serem bons aqueles os quais a tanto eram oprimidos, ou seja, os pobres, somente eles são os felizes por justamente serem pobres. O escravo, plebeu, “não poupando amigos nem respeitando inimigos”<sup>61</sup>, expressa o quanto “sua malevolência é amarga, sua maledicência, enfadonha. Invejoso, enciumado, rancoroso, ele só faz evidenciar o seu único haver: a própria enfermidade”<sup>62</sup>. Os ricos, dessa forma, passaram a ser, diferentes de ruins, a partir da moral escrava, designados como os maus, no sentido de homens cruéis e opressores, aqueles aos quais está designado o inferno.

---

<sup>61</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 48.

<sup>62</sup> *Ibidem*.

De início, além de tal caráter de definição e atribuição de juízos, algumas conclusões equivocadas, para Nietzsche, foram sinalizadas nas pesquisas sobre os valores morais empregada pelos “psicólogos ingleses”. Estes, enquanto “historiadores da moral”<sup>63</sup>, apesar de terem sido os primeiros na tentativa de reconstrução dos trâmites iniciais da moral, concluíram que as ações não-egoístas foram tidas como boas e, como tal, foram consideradas por aqueles aos quais tais ações foram feitas e úteis, mas que, com o decorrer do tempo, pelo fato de rotineiramente terem sido tidas como boas, a sua origem foi esquecida, fazendo com que fossem sentidas como boas, ou seja, como se em si mesmas constituíssem algo bom<sup>64</sup>.

Entretanto, escreve Nietzsche: “para mim é claro, antes de tudo, que essa teoria busca e estabelece a fonte do conceito „bom” no lugar errado”<sup>65</sup>. “Mas como esse „esquecimento” é psicologicamente inexplicável”<sup>66</sup>, o esclarecimento que fomenta a elucidação afirmando que o conceito “bom” possui uma ligação direta com o “útil-conveniente”, ao passo que o “ruim” com o que é “nocivo-inconveniente”, para o filósofo, parece não ser correta, embora seja a mais razoável do ponto de vista psicológico.

Diferente da noção de ação não-egoísta, um psicólogo em particular afirma que quanto à utilidade não houve esquecimento, as ações não se tornaram boas em si, ao contrário, foram sempre lembradas e abraçadas ao passo da reflexão a respeito da sua utilidade. Assim,

o conceito „bom” como essencialmente igual a „útil”, „conveniente”, de modo que nos conceitos „bom” e „ruim” a humanidade teria sumariado e sancionado justamente as suas experiências *inesquecidas* e *inesquecíveis* acerca do útil-conveniente e do nocivo-inconveniente. Bom é, segundo essa teoria, o que desde sempre demonstrou ser útil<sup>67</sup>.

A hipótese que Nietzsche lhes contrapõe consiste na argumentação de que tanto o juízo quanto o conceito “bom”<sup>68</sup> foram criados, não pelos quais foi feito o “bem”, mas sim, pelos “bons” mesmos. Segundo o filósofo, em decorrência de um *pathos da distância* entre os nobres, poderosos para com os baixos, plebeus, é que àqueles e por aqueles foi estabelecido o

---

<sup>63</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 16.

<sup>64</sup> *Ibidem*.

<sup>65</sup> *Ibidem*.

<sup>66</sup> Moura, Carlos, *Civilização e cultura*. São Paulo: Martins fontes, 2005, p.112

<sup>67</sup> O filósofo refere-se ao psicólogo Herbert Spencer. Cf. Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 18.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p.17. Segundo Nietzsche, bem como a noção de valor, os conceitos usados para designá-los são criação dos homens valorados.

conceito “bom”, pois, foram “os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu”<sup>69</sup>.

Um dos fatores primordiais para um bom estudo acerca da origem da moral é justamente uma análise aprofundada sobre como se desenvolveu a conceituação dos seus juízos. Segundo defende o filósofo, “esta me parece ser uma percepção *essencial*, no que toca a uma genealogia da moral”<sup>70</sup>, um caminho correto, para concluir que a origem da antítese “Bom-Ruim” remete àquela oposição, ou seja, a oposição de uma raça superior à outra inferior; consiste num exame etimológico que, por meio do conhecimento filológico, lança mão à reflexão de idiomas, de vários povos, de acordo com o contexto histórico.

Salientando que o primeiro momento da investigação da transvaloração tenha se caracterizado pelo exercício etimológico, em se tratando de um olhar voltado para a origem conceitual de “Bom” e “Ruim”, em suas observações, o pensador discute sobre o fato de que todas as designações a ambos, em várias línguas, são provenientes do mesmo cunho etimológico. Os quais, remetendo-os às mesmas transformações conceituais, às “palavras e raízes que designam o „bom“, transparece ainda com frequência a nuance cardeal pela qual os nobres se sentiam homens de categoria superior”<sup>71</sup>, ou ainda, “segundo o signo mais visível desta superioridade, por exemplo, „os ricos“, „os possuidores“ (este o sentido de *arya*, e de termos correspondentes em iraniano e eslavo)”<sup>72</sup>. Segundo essa compreensão, argumenta Nietzsche:

em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem-nascido“, “espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em “ruim”<sup>73</sup>.

O seu exame para exemplificar a conceituação desses valores, de início, se dá com a expressão alemã *Schlicht* (simples), a qual, originalmente, era atribuída ao homem do campo, ao plebeu, mas que, com o passar do tempo, foi presenteadada com um olhar depreciativo e

---

<sup>69</sup> Ibidem.

<sup>70</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>71</sup> Ibidem.

<sup>72</sup> Ibidem.

<sup>73</sup> Ibidem, p.18.

preconceituoso, pejorativamente passando a designar *Schlecht* (ruim). Pode-se perceber ainda que, partindo da noção de uma superioridade existente, definidora e estabelecadora de hierarquias, bem como de um “duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um „sob□”<sup>74</sup>, os nobres, também designam a si “segundo um *traço típico do caráter*”<sup>75</sup>, como os verazes, enquanto verdadeiros, confiáveis. Citando a nobreza grega, o pensador expressa que a palavra usada para designar “nobre”, “bom”, quanto a sua raiz, diz respeito a alguém que possui realidade, “alguém que é, que é real, verdadeiro; depois, numa mudança subjetiva, significa o verdadeiro enquanto veraz”<sup>76</sup>, o homem do duelo, dos jogos de disputa, da guerra.

Numa observação etimológica ainda mais aprofundada, Nietzsche aponta para o termo em latim *malus*, que em grego designa, ou ainda, contrai o significado de negro. Dessa maneira, temos o homem comum, o plebeu, como o homem de pele escura, ou cabelos negros. Assim, a característica física do homem bom, veraz, aristocrata, guerreiro, originalmente, se dá por ele ser louro em contraposição aos de pele escura e cabelos negros. Do latim, outro termo, *bônus*, nos é demonstrado, o qual, na sua designação, caracteriza o nobre. Este, derivado de um ainda mais antigo, *duonus*, julga Nietzsche ser oriundo de *duelum* (*duen-lun*), ou seja, de *duonus* emana *bonus*. Interpreta-se, dessa maneira, o homem bom como o homem da disputa, exemplificando pelo prefixo *duo*, o homem da competição, o guerreiro.

Nesse momento, reflete o pensador que, ao passo em que se deram essas transformações conceituais, a sua atribuição torna-se distintivo e lema dos nobres conquistadores para a sua diferenciação do homem comum, “*mentiroso*”, covarde, plebeu, mas que, com a decadência da nobreza aristocrática dos conquistadores, a palavra passou a designar a nobreza composta pela aristocracia espiritual. Esclarecidas tais reflexões, apresenta Nietzsche, portanto, a aceção da antítese “Bom”-“Ruim”, na moral da aristocracia guerreira que, assumindo matrizes espirituais numa casta política, dá origem a outra forma de espiritualidade superior, a dos sacerdotes.

---

<sup>74</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>76</sup> Ibidem.

## **A passagem da moral aristocrática para a sacerdotal.**

Dadas todas as características da moral da nobreza aristocrata em detrimento da moral escrava, como uma norma guiada por um princípio regulador, Nietzsche conclui, com o desenvolvimento etimológico, a existência de duas castas superiores. Segundo defende, “o conceito denotador de preeminência política sempre resulta em um conceito de preeminência espiritual”<sup>77</sup>, o que possibilita a simultaneidade de a casta sacerdotal ser, junto à casta da aristocracia guerreira, a mais elevada.

Segundo o filósofo, ao passo do desenvolvimento dos valores da aristocracia sacerdotal, preferindo atributos que lembrem, para sua alcunha, a sua função sacerdotal, há a espiritualização e, portanto, a interiorização dos termos usados para a conceituação dos valores referentes à sua casta. Diz o filósofo que, “a natureza de uma aristocracia sacerdotal esclarece por que precisamente aí as antíteses de valores puderam bem cedo interiorizar-se e tornar-se mais intensas”<sup>78</sup> e, por isso, “é então, por exemplo, que „puro□ e „impuro□ se contrapõem pela primeira vez como distinção de estamentos”<sup>79</sup>.

Etimologicamente, esse fato é por Nietzsche expresso a partir da percepção de que os juízos de conceito “bom” e “ruim”, que outrora designavam a distinção estamental da aristocracia guerreira para com os escravos, perderam lugar para “puro” e “impuro”, os quais, sob uma nova roupagem, lograram seu espaço para designar a distinção da casta em ascensão, não apenas em detrimento do homem comum, ou do plebeu, mas sim, de todo aquele que não se adéque aos seus ideais, incluindo a casta da aristocracia guerreira. Diz o pensador que: “de fato, através delas abriram-se finalmente, entre os homens, abismos tais que mesmo um Aquiles do livre-pensar hesitaria em transpor”<sup>80</sup>.

Tendo a aristocracia sacerdotal, para a sua distinção daqueles que não estão estabelecidos nos arquétipos da sua valoração, a partir da espiritualização dos conceitos, no que confere a sua semântica, modificado o seu sentido, exprime o filósofo que, “de resto,

---

<sup>77</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>78</sup> Ibidem.

<sup>79</sup> Ibidem.

<sup>80</sup> Ibidem.

cautela para não tomar de antemão os conceitos “puro” e “impuro” de maneira demasiado ampla ou demasiado rigorosa, ou mesmo simbólica”<sup>81</sup>.

O que o pensador entende é que a humanidade antiga elaborou os seus nomes de maneira que a sua referência às coisas era oferecida da forma mais estreita possível, o que significa, portanto, que não havia a intenção de anunciar, nada mais, do que era expresso pelo termo. Quando criados pela humanidade antiga, “numa medida para nós impensável”<sup>82</sup>, os primeiros conceitos, de modo abrasivo e inculto, eram desprovidos de profundidade. Para o filósofo, “o „puro” é, desde o princípio, apenas um homem que se lava, que não dorme com as mulheres sujas do povo baixo, que tem horror a sangue”<sup>83</sup>. As considerações de tempos remotos foram criadas de modo assimbólico, com o único intuito de representar o referido em si, sem modos refinados de representação ou metáfora.

A casta da nobreza sacerdotal, fundada sob aquilo que lhe é natural, promove rapidamente uma intensa e profunda interiorização das antíteses de valores. O que, como consequência, faz com que se separe, de maneira desmensurada, daqueles que não se adequam à sua maneira e seus padrões, os quais com hábitos, embora contrários à ação, são explosivos sentimentalmente.

Estas características constituem o perfil dos sacerdotes de todos os tempos, estes que, para a sua manutenção, introduzem métodos de cura com vistas a medicar aqueles que hajam de forma contrária ao que constitui a sua vernaculidade. Penitências, sob a forma de jejum e abstinência, são os exemplos mais precisos para tal cura, como uma auto-hipnose, o que possibilita a volta daquele que, através de uma ação contrária às afeições dos ideais sacerdotais, tenha se destituído da condição de pureza.

Segundo o pensador, “com os sacerdotes *tudo* se torna mais perigoso, não apenas meios de cura e artes médicas, mas também altivez, vingança, perspicácia, dissolução, amor, sede de domínio, virtude, doença”<sup>84</sup>. Dessa maneira, embora derivada do modo cavalheresco-aristocrático, a aristocracia sacerdotal, na sua efetivação transformou-se no seu oposto. Uma

---

<sup>81</sup> Ibidem.

<sup>82</sup> Ibidem.

<sup>83</sup> Ibidem.

<sup>84</sup> Ibidem.

vez que, ambas as castas entram num confronto com vistas a preservar e afirmar, de forma ciumenta, as suas estimativas, isto se dá pelo fato de os juízos de valor cavalheresco-aristocrático terem como conjectura uma boa constituição física, uma saúde transbordante, bem como atividades que busquem preservar a sua conservação, como uma livre, robusta e contente presteza, “juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança [...]”<sup>85</sup>.

O modo de valoração da casta sacerdotal, por outro lado, “tem outros pressupostos: para ele a guerra é mau negócio!”<sup>86</sup> São, antes, impotentes, e esta impotência é o que conserva as suas aferições. A consequência dessa impotência é a interiorização mais profunda do ódio, pois, sendo os sacerdotes, “*os mais terríveis inimigos*”, isto se dá devido a sua impotência, e nela, “na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa”<sup>87</sup>.

Dessa feita, Nietzsche problematiza a inversão dos valores da aristocracia guerreira para a casta sacerdotal citando, como exemplo, os judeus como sendo os iniciadores da revolta dos escravos na moral. Sobre isto, diz: “nada do que na terra se fez contra „os nobres□, „os poderosos□, „os senhores□, „os donos do poder□, é remotamente comparável ao que *os judeus* contra eles fizeram”<sup>88</sup>. Em se tratando de um povo sacerdotal, sobre os judeus parece pesar a aptidão para desforrarem-se dos seus conquistadores através de um “ato *da mais espiritual vingança*”<sup>89</sup>, por meio da transvaloração dos valores dos seus próprios conquistadores. Assim, para Nietzsche, “foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocratas (bom = nobre = poderoso = feliz = caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais profundo, o ódio impotente) se apegaram a esta inversão”<sup>90</sup>. Ou seja, “mau é quem causa temor e bom é aquele de quem não há nada a temer”<sup>91</sup>, pois, segundo a moral sacerdotal,

---

<sup>85</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>86</sup> Ibidem.

<sup>87</sup> Ibidem.

<sup>88</sup> Ibidem.

<sup>89</sup> Ibidem.

<sup>90</sup> Ibidem.

<sup>91</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 43.

os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são os bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!...<sup>92</sup>.

É neste sentido que o que Nietzsche compreende por “transvaloração” está associado aos sacerdotes judeus. Sobre isto, lê-se: “com os judeus principia a *revolta dos escravos na moral*: aquela rebelião que tem atrás de si dois mil anos de história, e que hoje perdemos de vista, porque – foi vitoriosa...”<sup>93</sup>. Da metáfora da árvore, do ódio judaico ao amor cristão, Nietzsche pensa e exemplifica o por que e em que sentido através de Jesus Cristo que, embora judeu, fora crucificado, Israel triunfou sobre os ideais anteriores.

Sustenta o filósofo que, do tronco da árvore da vingança e do ódio judeu, brotou o mais singelo e, “igualmente incomparável, um novo amor, o mais profundo e sublime de todos os tipos de amor”<sup>94</sup>. Na sua reflexão, a metáfora da árvore fora empregado, não com a intenção de negar ou anular os pressupostos fixados à consciência pela moral escrava, dos judeus, mas para demonstrar que Jesus de Nazaré surge como fruto dessa árvore do rancor e do ódio espiritual, como isca perfeita para o triunfo dos novos valores. Como uma coroa triunfante, esse novo amor surge, não como forma de negar aquilo a que os judeus iniciaram com sua revolta para com os nobres, ao contrário, traz consigo o mesmo desejo espiritual de uma vingança profunda e imersa ao mais profundo ódio. A este respeito, conclui Nietzsche:

o amor brotou dele como sua coroa, triunfante, estendendo-se sempre mais na mais pura claridade e plenitude solar, uma coroa que no reino da luz e das trevas buscava as mesmas metas daquele ódio mergulhavam, sempre mais profundas e ávidas, em tudo que possuía profundidade e era mau<sup>95</sup>.

Jesus de Nazaré, portanto, foi uma forma de sedução àqueles espíritos reprimidos, trazendo consigo a sedutora mensagem de salvação, no dizer de Nietzsche, àqueles “pequeninos” que, embora pobres, são os bem aventurados justamente pelo fato de serem pobres, doentes, reprimidos, pecadores. Israel nega e castiga, ao pregar na cruz, a sua infalível isca, a qual, com um verdadeiro refinamento do espírito, assume a forma mais persuasiva e

---

<sup>92</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 23.

<sup>93</sup> *Ibidem*.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 24.

<sup>95</sup> *Ibidem*.

perigosa da vingança. Como um inimigo mortal dos judeus, esse redentor atrai a atenção do mundo inteiro, ou seja, de todos aqueles inimigos de Israel, os quais, desprovidos de tal malícia, de tal maldade e de tal refinamento espiritual, submetem as suas atenções ao aferrarem tão eloqüente isca. Somente por estes meios, “certo é, quando menos, que *sub hoc signo* [sob este signo], com sua vingança e sua transvaloração dos valores, Israel até agora sempre triunfou sobre todos os outros ideais, sobre todos os ideais *mais nobres*”.<sup>96</sup>

A partir dessa perspectiva, o filósofo exprime a sua reflexão a respeito da vitória dos novos ideais, o judaísmo, cristianismo, plebeísmo como frutos da missão histórica do povo judeu e da igreja. Com a vitória dos escravos, da plebe ou do rebanho, “„os senhores □ foram abolidos; a moral do homem comum venceu”<sup>97</sup>, podendo-se, dizer, que se estabeleceu uma moral para além do bom e do ruim, em função de uma moral do bom e do mau, a “moral da compaixão”.

Ainda no entender do filósofo, a caminhada desse processo de envenenamento se deu a lentos passos, no entanto, com uma grande eloqüência e cautela. A cada momento, ainda que de forma lenta, os novos ideais conseguem interiorizar-se à consciência humana com maior destreza e perfeição, de modo que, não sendo necessária pressa, “tudo o que é *longo* é difícil de ver, ver inteiro”<sup>98</sup>. Desta feita, segundo Nietzsche, a “igreja”, como um direito à existência, desempenha importante papel para este desenvolvimento e manutenção. Cabendo-lhe a incumbência de moderar a marcha do desenvolvimento dos ideais oriundos do ódio dos sacerdotes que, através de uma transvaloração, culminou na moral de rebanho a partir do ressentimento como gerador de valores, o lugar do ressentimento na transvaloração da moral sacerdotal será examinado no próximo capítulo.

---

<sup>96</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>97</sup> Ibidem.

<sup>98</sup> Ibidem, p. 24.

## CAPÍTULO III

### A transvaloração da moral e o ressentimento

#### O ressentimento na inversão da moral escrava

Como se viu, os nobres e os escravos constituem as duas categorias que principiaram a dúplice noção de pré-história do bem e do mal. No decorrer da história, ao bem e mal foi incumbido um processo de transvaloração, o qual, baseado em consequências decorrentes do ressentimento escravo, esquematizou-se numa inversão dos conceitos e dos valores morais dos nobres. Tendo como princípio o ressentimento e, em decorrência, a inversão dos valores da nobreza guerreira pela sacerdotal, os escravos, plebeus, povo sacerdotal, tomaram para si a mensagem de recompensa pela sua condição de oprimidos.

Os nobres e os escravos sintetizam uma “relação de forças, segundo a qual algumas *agem* e outras *reagem* num conjunto complexo e hierarquizado”<sup>99</sup>. Iniciada a partir de um “efetivar-se”<sup>100</sup>, as forças desenvolvem tais relações a partir de uma vontade própria de sobressair umas às outras. Ou seja, “atuando sobre as outras e resistindo a outras mais, ela tende a exercer-se o quanto pode, quer estabelecer-se até o limite, manifestando um querer-vir-a-ser-mais-forte, irradiando uma vontade de potência”<sup>101</sup>. No entanto, em primeiro lugar, não se deve creditar que esta vontade parta de um desejo pelo domínio, pois, esta força não possui desejo de dominar, ou ainda, à ela não concerne a vontade de querer dominar<sup>102</sup>. Assim,

---

<sup>99</sup> Deleuze, Gilles, *Op. Cit.*, p. 23.

<sup>100</sup> Não podemos afirmar que a força é a causa de efeitos nem que ela tenha seu início a partir de alguma coisa que a impulse, pois, do contrário, teria como consequência a sua distinção das suas próprias qualidades e manifestações encerrando-a, assim, nos parâmetros da causalidade. Cf. Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 53.

<sup>101</sup> *Ibidem*.

<sup>102</sup> A “vontade de poder” ou “vontade de potência”, confere a idéia do “efetivar-se” da força como um fenômeno universal que abrange todo o cosmos. No entanto, ao dirigir sua reflexão aos valores, é à vida, enquanto “vontade de poder”, que Nietzsche toma como parâmetro de avaliação. Nesse sentido, o pensador elucubra que é tanto a partir da “vontade de poder” que uma força dirige, quanto, também por ela, que uma força obedece. Os

no caso da polarização entre „moral de senhores□ e „moral escrava□, pode-se falar de duas formas distintivas e opostas de vontade de poder, que se articulam em torno de um „tipo nobre□, por um, e de um „tipo homem de rebanho□, „tipo escravo□, ou „tipo homem do ressentimento□, por outro<sup>103</sup>.

Ao analisar o comportamento das castas da nobreza e a dos escravos, Nietzsche lança mão da hipótese de que, em primeira ordem, os valores e conceitos circunscreviam a uma valoração, a qual, „partindo primeiro na alma das raças e das castas dominantes□”<sup>104</sup>, foi “calorosamente” anunciada por estas que eram constituídas de homens nobres, de pessoas de estirpe superior, dos donos do poder, de possuidores, de guerreiros, de homens de ação, de bravura e coragem, de “bestas louras” que, subjugados em valores por eles criados e frente a uma felicidade própria, creditaram a si a qualidade de homens bons. Concebida a partir das forças ativas, a moral nobre caracteriza-se por uma afirmação orgulhosa da sua própria diferença, como algo digno de júbilo. Isto é, “a maneira nobre de avaliar ressalta o sentimento de plenitude e excesso da própria força”<sup>105</sup>, sendo bom todo aquele que retém as qualidades dignas de um nobre, unicamente ao qual, através da hereditariedade, é possível herdar as condições referidas à qualidade de bom. Bom, enquanto bem nascido, de estirpe superior.

Em contraponto a tais atributos, aos homens desprovidos das características próprias da nobreza, era atribuída a propriedade de homens ruins. Num sentido oposto ao homem bom, o homem ao qual era afixada a qualidade de ruim, assim o era pelo fato de sua completa oposição ao que era conferido pelos predicados referentes ao homem bom. Observa-se na moral nobre, ainda, “que a forma de avaliação dessa moral se contrapõe diretamente à idéia de moral como altruísmo, desinteresse e renúncia de si, tão comum nas formas modernas de se valorar”<sup>106</sup>. Os plebeus, homens do campo, homens de baixa estirpe, a estes era designada a qualidade de ruim. Sobre essa concepção, lê-se, ainda: “os bons são uma casta, os maus uma massa, uma espécie de pó, uma ninharia. „Bom□ e „mau□ equivalem por muito tempo a soberano e súdito, senhor e escravo”<sup>107</sup>.

---

nobres e os escravos, cada um com os seus procedimentos peculiares, expressam, com as suas qualidades, a relação de forças presente na “vontade de poder” a partir da qual ambas as castas se condicionam. Assim, aplicando a noção de “vontade de poder” à noção de valor, verifica-se, portanto, características peculiares de íntima ligação com a “teoria de forças” expressa pelo filósofo.

<sup>103</sup> Pascoal, E., *Nietzsche e a auto-superação da moral*. Ijuí:Ed. Unijuí, 2009, p. 103.

<sup>104</sup> Lefranc, Jean, *Op. Cit.*, p.149.

<sup>105</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 46.

<sup>106</sup> Pascoal, E., *Op. Cit.*, p. 101.

<sup>107</sup> Lefranc, Jean, *Op. Cit.*, p.150.

Dessa maneira, o sentido de “ruim”, entretanto, não designa o mesmo significado que se tem na sua época, um sentido mais pejorativo. Antes, como se viu, Nietzsche, através de uma observação filológica, observa que “ruim”, em vários idiomas e dialetos, assinala os pobres, os desprovidos de bens, os simples, os plebeus, assumindo um sentido de lamentação pela condição do homem comum que transcreve o contrário daquilo que jubilosamente é autenticado pelos nobres: a sua própria condição de nobre, “seu conceito negativo, o „baixo□, „comum□, „ruim□, é apenas uma imagem de contraste”<sup>108</sup>.

Os nobres possuem parâmetros de avaliação que partem do sentimento de uma sensação de plenitude que tem origem numa força própria daquela casta. A sua falta de aprovação de outrem dispensa a sua preocupação a qualquer tipo de comparação, pois a valoração que parte de um “triumfante Sim a si mesmo”<sup>109</sup> sustenta, livre e espontaneamente, a sua qualidade de bom. Deve-se atentar para a principal característica do homem nobre quanto a sua auto-avaliação: o nobre sempre parte de si para designar noções de valor. Reconhecendo seu valor a partir de qualidades que lhe são próprias e que lhe proporcionam orgulho da sua posição, posteriormente, se refere ao escravo unicamente como ponto de comparação consigo. É quando há a detecção da extrema oposição existente entre ele e o escravo.

Por sua vez, a moral escrava é oriunda do ressentimento que tem como consequência um caráter de valoração completamente contrário ao modo dos nobres. Enquanto o homem nobre se regozija com fervor e grande felicidade pela sua própria condição, partindo de si, e depois transferindo suas atenções para fora, como um modo de comparação, um modo secundário, “como um acréscimo de prazer”<sup>110</sup>, o escravo parte primeiro para fora, de um “Não” a um outro, negando à condição de outrem, precisamente, à condição daqueles que são valorados pela sua condição de força, ou seja, os nobres. A valoração dos escravos consiste, ainda, em um voltar-se às ações daqueles que têm de “extravasar a sua própria força”<sup>111</sup>. Reinterpretados, “os termos „mau□ e „malvado□, justamente por designarem um tipo que inspira medo, indicam alguém que não pode ser desprezado, alguém que deve ocupar um primeiro plano nas atenções”<sup>112</sup>.

---

<sup>108</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p.26.

<sup>109</sup> Ibidem.

<sup>110</sup> Deleuze, Gilles, *Op. Cit.*, p. 24.

<sup>111</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 46.

<sup>112</sup> Pascoal, E., *Op. Cit.*, p. 102.

Diga-se de passagem, que “especialmente por estas suas formas próprias de valoração de rebanho, pode-se ainda afirmar que a moral escrava se constitui por „temor ao próximo□ e não por „amor ao próximo□”<sup>113</sup>. Com isso, “bom”, segundo a valoração dos escravos, é aquele que não causa medo, aquele que não se situa na condição de opressor, aquele que não faz parte do quadro de pessoas que afirmam sua condição e que transbordam de força. “Bom” é, antes, o impotente, aquele homem que não transborda de felicidade própria, antes, nega a condição do rico, do forte, para encontrar, assim, a legitimação da sua própria condição. Sendo assim, pode-se afirmar que “bom” passa a designar “qualidades próprias daquele tipo que não representa ameaça ao rebanho, mas que é útil a ele”<sup>114</sup>.

Dessa feita, a partir da inversão dos valores, “bom” passou a ser todo aquele que é incapaz de ação, todo aquele que a muito tempo é oprimido, pois, negando a condição dos nobres, bem como as forças que deles derivam, os escravos encontram uma forma de legitimar a sua condição de “bom” e de afirmar que ao nobre impele a condição de “mau”, não mais se tratando da forma com a qual os nobres observavam os escravos. “Ruim” e “mau” assumem formas completamente diferentes. Enquanto “ruim” designa aquele pobre, desprovido de bens, aquele plebeu sem sorte, aquele visto sob a forma de “uma espécie de lamento, consideração, indulgência, ao ponto de quase todas as palavras que aludem ao homem comum terem enfim permanecido como expressões para „infeliz□, „lamentável□”<sup>115</sup>, “mau” passa a ser aquele opressor, ímpio, aquele adversário e inimigo. Dessa maneira, observa-se o “„bom□ da outra moral, o nobre, o poderoso, o dominador, apenas pintado de outra cor, interpretado e visto de outro modo pelo olho de veneno do ressentimento”<sup>116</sup>.

Influenciado pelo procedimento inicial do sacerdote, a partir da querela entre a casta que este constitui para com a casta da nobreza guerreira, observa-se que o este personagem desenvolve um papel surpreendente, já que, “aos olhos de Nietzsche, a análise da constituição da moral de escravos é, desde o início, uma investigação sobre a gênese do cristianismo, visto que o juízo moral do escravo já é aquele do cristão”<sup>117</sup>.

---

<sup>113</sup> Ibidem.

<sup>114</sup> Ibidem.

<sup>115</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 26.

<sup>116</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>117</sup> Moura, E., *Op. Cit.*, p. 133.

## O ressentimento como psicologia da moral do sacerdote

Considerando o ressentimento responsável pela inversão dos valores da nobreza pelos valores escravos, acredita Nietzsche que “a rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores”<sup>118</sup>. Por aqueles aos quais é negada a ação, aqueles aos quais unicamente por uma imaginária vingança obtêm reparação, é difundida a “transvaloração da moral”. Aqui, o “ódio e desejo de vingança seriam as palavras-chave para compreender o ressentimento. É a diferença que causa o ódio, ou melhor, é a recusa da diferença que o engendra”<sup>119</sup>.

O procedimento do homem do ressentimento inicia ao “afirmar-se negando aquele a quem não pode igualar”<sup>120</sup>, na tentativa de modificar a sua fraqueza transformando-a em força. “Este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento”<sup>121</sup>, afirma o filósofo. Não partindo de si, como o faz o nobre, o escravo, o homem do ressentimento, dirige-se inicialmente para fora, negando um mundo exterior; o seu ato de valoração é, na verdade, reação. O ato do ressentimento do escravo possui, portanto, a qualidade de força reativa, pois tem como característica, em detrimento à dos nobres que afirmam as suas próprias diferenças, “opor-se primeiro ao que elas não são, em limitar o outro: nelas a *negação* está primeiro, é pela negação que atingem uma aparência de afirmação”<sup>122</sup>.

Para o pensador, a impotência do homem ressentido gera um ódio venenoso, um ódio que toma proporções colossais, pois na impotência só há espaço para uma reação imaginária, que, por ser interior, toma as mais temíveis formas possíveis. Esse ressentimento recriador de costumes e de valores faz com que o escravo passe a ser valorado como “bom”, encontrando justificativa no próprio modo de ser, pobre, pequenino, impotente. Na sua incapacidade de aniquilar o nobre e forte, o escravo e fraco, influenciado pelo ressentimento da casta

---

<sup>118</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 29.

<sup>119</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 47.

<sup>120</sup> *Ibidem*, p. 45.

<sup>121</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral.*, p. 26.

<sup>122</sup> Deleuze, Gilles, *Op. Cit.*, p. 24.

sacerdotal, alimenta uma idéia de vingança que, de origem imaginária, ostenta suas bases numa fundamentação divina. Subjugados sob a única forma possível de vingança, a imaginária, os ressentidos concedem figuras de consolo para a sua alma sofredora, que, devido a sua condição, possui um destino certo: “o reino de Deus”. O qual, observa-se, assim, “aparece como produto do ódio e do desejo de vingança dos fracos”<sup>123</sup>.

O ressentido está sempre empregado em julgar tudo aquilo que constitui o seu exterior, não medindo palavras, está sempre empregado em difamar e atribuir críticas baseadas em questões divinas, estas frutos do seu ressentimento, àqueles que não estejam situados dentro dos arquétipos vindos de sua casta, a dos homens “pequeninos”, das “pequenas ovelhas”. Com essa ótica invertida de valoração, os ressentidos questionam livremente a condição forte dos senhores nobres. Ora, os nobres passam a ser “maus” pelo fato de justamente serem fortes, já os escravos, ressentidos, passam a ser “bons” devido a sua condição de pobreza e fraqueza, pela qual, inclusive, lhe é conferida o atributo de santidade. Os “pequeninos” são os “bons” porque são perseguidos, oprimidos, humilhados, já os nobres são “maus” porque são os opressores, ostentadores de força contra os “pequeninos”.

“Que as ovelhas tenham rancor às aves de rapina não surpreende”<sup>124</sup>, mas para o filósofo, no entanto, desejar que a força se reprima e não se deixe expressar segundo as suas qualidades é algo que rodeia o campo do absurdo, pois, “exigir da força que *não* se expresse como força, que *não* seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força”<sup>125</sup>. À ave de rapina confere, por aquilo que lhe é próprio, a força suficiente para surpreender as pequenas ovelhas, não se tratando de portadoras do “mau”, mas sim, detentoras de ferramentas naturais de expressão própria.

Por outro lado, constatada a criação dos primeiros arquétipos de valoração moral, da parte dos nobres que, transmutada numa nova forma de valoração, a dos escravos, esta última, oriunda das “forças reativas”, enquanto que aquela das “forças ativas”, percebe o filósofo que a moral dos ressentidos triunfou sobre a moral dos nobres. Este estranho fenômeno “não se

---

<sup>123</sup> Marton, Scarlett, *Op. Cit.*, p. 47.

<sup>124</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 32.

<sup>125</sup> *Ibidem*.

trata apenas da história do homem, mas da história da vida, e da história de toda a Terra”<sup>126</sup>. O “não” triunfou sobre o “sim”, a reação sobressaiu à ação, fazendo com que a vida se reduzisse às suas formas subsidiárias. Assim, diante de “tão estranho fenômeno”, vislumbra-se a seguinte interpretação: a “vitória comum das forças reactivas e da vontade de negar, [...] – ou triunfo dos escravos”<sup>127</sup>.

Percebendo, assim, que “na origem de toda essa litania está o sacerdote”<sup>128</sup>, diz Nietzsche que daí surge o ideal ascético, outro aspecto associado ao ressentimento quando este é erigido a criador de valores, segundo o qual, “nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera”<sup>129</sup>. Originalmente, partindo do sacerdote, “indica uma parcial inibição e exaustão fisiológica, que os instintos de vida mais profundos, permanecidos intactos, incessantemente combatem com novos meios e invenções”<sup>130</sup>. Servindo de ferramenta para, paradoxalmente preservar a vida, através dele, ela “luta [...] e através dele com a morte, *contra* a morte, o ideal ascético é um artifício para a *preservação da vida*”<sup>131</sup>. Sendo esta uma das características do sacerdote, enquanto a aristocracia guerreira parte da vida, de si, do orgulho da sua posição, ainda, da ação, o sacerdote parte do asceticismo, da espiritualização das coisas, a partir da não ação, da impotência. Exemplificando, a oposição entre “puro” e “impuro”, “é a oposição entre vida guerreira e a vida ascética que está na origem das diferenças de apreciação existentes entre os nobres e os sacerdotes”<sup>132</sup>. Ciumento quanto às suas aferições, o sacerdote, iniciador de toda uma transvaloração, faz-se “campeão do ressentimento”.

A natureza do ideal ascético, ferramenta do sacerdote, demonstra-se como sendo um estratagema com cujo mecanismo diz respeito à desnaturalização da vida. Isto é, por meio dele, o sacerdote, ciumento, através de uma atitude, a mais negadora possível, assim o faz ao tipo nobre, àquele que age, que é real enquanto verdadeiro. Observa-se, a esse respeito, que “o asceticismo é antes de mais nada uma desnaturalização”<sup>133</sup>, pois, negando a vida e tudo o que

---

<sup>126</sup> Deleuze, Gilles, *Op. Cit.*, p. 24.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. 25.

<sup>128</sup> Moura, *Op. Cit.*, p. 136.

<sup>129</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p.101.

<sup>130</sup> *Ibidem*.

<sup>131</sup> *Ibidem*.

<sup>132</sup> Moura, *Op. Cit.*, p. 150.

<sup>133</sup> *Ibidem*.

lhe é próprio, isto ocorre em função da criação da sua vida imaginária: “o sacerdote ascético é a encarnação do desejo de ser outro, de ser-estar em outro lugar”<sup>134</sup>.

Tamanho é, segundo o filósofo, o ressentimento do sacerdote, que, querendo igualar-se ao nobre guerreiro, não pela ação, mas, pela negação desta forma de vida, pela sua impotência e com a espiritualização da vida, foram criados os seus ideais ascéticos, não apenas com o objetivo de “dominar *algo* na vida, mas a própria vida, as suas condições mais fundamentais”<sup>135</sup>. No mais alto patamar do desejo de ser outro ou de ser-estar em outro lugar, como seu fruto inexorável, o ideal ascético diz respeito à invenção “de condições mais propícias para o ser-aqui e o ser-homem – precisamente com este *poder* ele mantém apegado à vida todo o rebanho de malogrados, desgraçados, frustrados, deformados, sofredores de toda espécie, ao colocar-se instintivamente à sua frente como pastor”<sup>136</sup>.

A esse posicionamento sacerdotal está ligada a atitude não menos interessada pelo seu posicionamento de médico dos doentes, pois, “o rebanho dos enfermos precisa de um enfermeiro que seja, ele mesmo, um doente”<sup>137</sup>. Este é o sentido do sacerdote ascético, a sua “missão histórica” consiste em a ele ser atribuída a valoração de salvador e defensor a todo custo do seu rebanho, “a *dominação sobre os que sofrem* é o seu reino, para ela o dirige seu instinto, nela encontra ele sua arte mais própria, sua mestria, sua espécie de felicidade”<sup>138</sup>.

O ideal ascético surgira da “monstruosa *lacuna* que circundava o homem”<sup>139</sup>, pela falta de exemplos e justificativas para a existência humana, principalmente a do homem sofredor, com esse objetivo foi inventado o ideal ascético, “o homem, o animal mais corajoso e mais habituado ao sofrimento, *não* nega em si o sofrer, ele o *deseja*, ele o procura inclusive, desde que lhe seja mostrado um *sentido*, um *para quê* no sofrimento”<sup>140</sup>. No entanto, com o ideal ascético e o sentido por ele empregado, sobreveio, também, a culpa agindo como perspectiva para este sofrimento, o qual, na fórmula do ideal ascético, encontrou seu sentido.

---

<sup>134</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 102.

<sup>135</sup> Moura, *Op. Cit.*, p. 150.

<sup>136</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 102.

<sup>137</sup> Moura, *Op. Cit.*, p. 153.

<sup>138</sup> Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 106.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 139.

<sup>140</sup> *Ibidem*.

Assim, percebemos que, o sacerdote, a partir do ressentimento, lançando mão de métodos de cura para a regeneração daqueles outrora pecadores, através da inversão de toda uma gama de modos de valoração, o qual, a partir da rearticulação do campo semântico das palavras designadas a conceitos de valor, a “transvaloração da moral”, esta que, consiste não apenas na inversão dos valores com os seus respectivos juízos, mas também, do devir das forças, as quais, uma vez que partiam do pressuposto da ação, agora partem do pressuposto da reação. Este triunfo, dos fracos e escravos, estes que são seguidores do asceticismo, não se dá “por adição das suas forças, mas por subtração da força do outro”<sup>141</sup>, invertendo, assim, tudo aquilo que deriva da ação e do orgulho de alto afirmação, resultando na inversão de todos os arquétipos e parâmetros de valoração.

A este ensejo, “Nietzsche mostra já que os critérios da luta pela vida, da seleção natural, favorecem necessariamente os fracos e os *doentes* enquanto tais, os „secundários□ (chama-se doente a uma vida reduzida aos seus processos rectivos)”<sup>142</sup>. Entre os homens, “é um devir-doentio de toda vida, um devir escravo de todos os homens”<sup>143</sup>. Constituindo a verdadeira fundamentação da reflexão moral, fica assim transcrita a história de que, após a valoração nobre, com a “transvaloração da moral” oriunda do ressentimento sacerdotal e adotado por seu povo, os escravos, pretendeu Nietzsche, refletir para “além do bom e do ruim”.

---

<sup>141</sup> Deleuze, Gilles, *Op. Cit.*, p. 25.

<sup>142</sup> Ibidem.

<sup>143</sup> Ibidem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na mudança no modo de valoração que Nietzsche crê constituir a transvaloração dos valores, desenvolvida na primeira dissertação da obra *Genealogia da moral*, em que as antíteses bom-ruim da moral dos senhores converteram-se em bom-mau da moral dos escravos, refletindo que daí pode-se afirmar que foi instaurada a moral “para além do bom e do ruim”, neste sentido, acredita-se que, em Nietzsche, o tema “transvaloração dos valores”, além de desvelar a sua obra em seus arquétipos centrais, também indica uma presumível passagem à questão das querelas que rodeiam a moral e suas fundamentações éticas que, atualmente, vislumbram a reflexão filosófica.

O ressentimento, chave da transvaloração, como consequência do ódio e do desejo de vingança, constituiu o procedimento daqueles que, transformando a sua própria fraqueza em força, sob uma reação que negou todo movimento ascendente da vida e pela sua impossibilidade de agir como aquilo a que ressentidamente negaram, travestiram, em virtude da bondade, a sua impotência.

Tivemos assim, a luta entre os dois valores contrapostos “bom e ruim” (valores pagãos) e “bom e mau” (valores judaico-cristãos) que, num movimento impulsionado pelo ódio seguido do ressentimento, culminou na inversão de todo um modo de pensar e de atribuir valores.

Iniciada na casta sacerdotal, a inversão do valor “bom” que outrora designara o nobre, belo, feliz e veraz, assumindo o papel de valor religioso, num sentido de unir todo o homem fraco numa comunidade, passou a designar o sujeito que, bem como na sua fraqueza, também na sua miséria e enfermidade emergira a “bom”.

Nessa concepção, a inversão de valores que passou a atribuir o conceito “bom” não mais aos homens de estirpe superior que se sentiam valorados como tal, mas sim, àqueles que, sendo pobres, simples e, portanto, santos, é anunciado, segundo o pensador, pelo povo judeu. Assim, lê-se: “O dístico desta luta, escrito em caracteres legíveis através de toda a história humana, é „Roma contra Judéia, Judéia contra Roma”: - não houve, até agora, acontecimento

maior do que *essa luta, essa questão, essa oposição moral*<sup>144</sup>. Os romanos, na sua condição de nobres e fortes, circunscreveram mais do que qualquer povo de valores nobres a inscrição distintiva da sua característica.

Para a constatação dessa grandeza, basta observar o que seus marcos, suas conquistas, em suma, suas ações que, instituídas num modo próprio da força, estabeleceram sob a face da terra, ou seja, sua característica de afirmação da sua valoração. Por outro lado, o povo judeu, contrariamente ao modo nobre de vida, “foram o povo sacerdotal do ressentimento *par excellence*”<sup>145</sup>, os quais, constituindo a origem da vida em coletividade, não sendo detentores de força suficiente para viver, consolidaram através do instinto gregário os costumes como forma de auto-conservação frente os mais fortes.

Dessa forma, conclui Nietzsche que “Roma sucumbiu, não há sombra de dúvida”<sup>146</sup>, os valores judaico-cristãos prevaleceram, constituindo assim, o plebeísmo da moral entre os homens. Mesmo no Renascimento, quando houve um redespertar do ideal nobre, no entanto, imergiu ao passo do novo “triunfo da Judéia” que, “graças àquele movimento de ressentimento radicalmente plebeu”<sup>147</sup> denominado Reforma, resultou na restauração da Igreja, destronando, inclusive, com a Revolução Francesa, a última nobreza da Europa, a da França, a qual, sucumbiu imersa ao instinto que caracteriza os plebeus, o rebanho, o do ressentimento.

---

<sup>144</sup> Cf. Nietzsche, F., *Genealogia da Moral*, p. 39.

<sup>145</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>146</sup> *Ibidem*.

<sup>147</sup> *Ibidem*, p. 41.

**BIBLIOGRAFIA**

DELEUZE, Gilles, **Nietzsche**, Lisboa: Edições 70, 2009.

FOUCAULT, Michel, **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LEFRANC, Jean, **Compreender Nietzsche**. Tradução: Lucia M. Eudbich Ortl. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

MARTON, Scarlett, **Nietzsche: a transvaloração dos valores**, São Paulo: Moderna, 2006.

MOURA, Carlos, **Civilização e cultura**. São Paulo: Martins fonts, 2005.

NIETZSCHE, F., **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F., **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. Tradução: Mário D. Ferreira Santos. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.

NIETZSCHE, F., **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução: Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

PASCOAL, E., **Nietzsche e a auto-superação da moral**. Ijuí:Ed. Unijuí, 2009.

ROVIGHI, Sophia Vanni, **História da filosofia contemporânea: do século XIX à neoescolástica**. Tradução: Ana Paula Capocilla. São Paulo: Loyola, 2004.

VATTIMO, Gianni, **Introdução a Nietzsche**. Tradução: Antônio Guerreiro. Lisboa: Editorial presença, 1990.

VATTIMO, Gianni, **Introdução a Nietzsche**. Tradução: Antônio Guerreiro. Lisboa: Editorial presença, 1990.